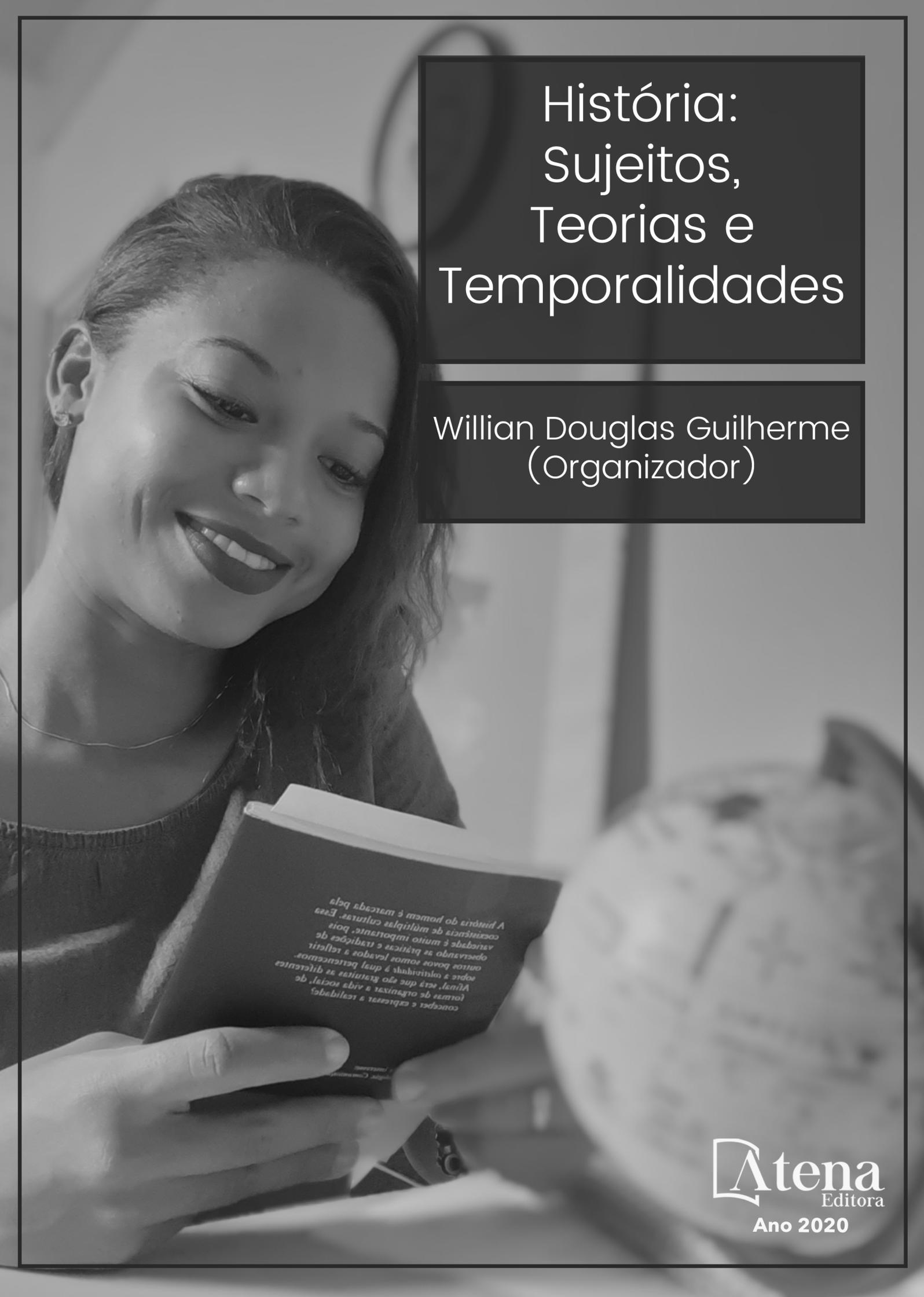


História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A história do homem é marcada pela
consciência de múltiplas culturas. Essa
avaliação é muito importante, pois
operando as bases e tradições de
outros povos, somos levados a refletir
sobre a construção de uma identidade
única, que não exclua as diferenças
locais de organizar a vida social, de
conceber e explicar a realidade.



História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : sujeitos, teorias e temporalidades / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-154-1 DOI 10.22533/at.ed.541200107</p> <p>1. História – Pesquisa – Brasil. 2. Historiografia. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “História Sujeitos, Teorias e Temporalidades”, foram reunidos quinze artigos que fazem um debate historiográfico em torno dos sujeitos, teorias e temporalidades. Os artigos foram dispostos em cinco grupos.

No grupo um, são três artigos. O primeiro, trazendo um novo olhar sobre a colonização da então capitania de Minas Gerais no século XVIII. O segundo, discute a Lei de Terras em 1850, transitando entre as famílias ricas e pobres. O terceiro, fala sobre o movimento integracionista europeu a partir da segunda metade do século XX.

No grupo dois, os artigos discutem o sofrimento em Nietzsche, o sujeito moderno em Voltaire e o papel da memória como fonte para a história.

No terceiro grupo, são quatro artigos. O primeiro apresenta a investigação baseada na obra de Gustavo Barroso e propõe um estudo dos termos patriotismo e nacionalismo. O segundo texto traz uma reflexão sobre educação patrimonial tendo como su eito, inusitadamente, o Exército Brasileiro. O terceiro, ressalta a atuação do ex-Senador Eduardo Suplicy com referência aos temas cidadania e Programa de Garantia de Renda Mínima. Por fim, são trazidas as influências sofridas por Sérgio Buarque de Holanda em parte de suas obras.

Para o quarto grupo iniciamos com um estudo baseado nos diários de campo de Frederick Starr em suas viagens comerciais ao Congo nos anos de 1905 e 1906. Seguimos com um interessante estudo que entrelaça religiosidade e Marco (Colonial) de Touros, de 1501, localizado no Rio Grande do Norte. Fechando este grupo, um estudo de caso realizado entre os anos de 2012 e 2014, na cidade Cachoeira da Serra/PA, demonstrando o avanço da “contra-reforma-agrária” sobre a Amazônia.

O quinto grupo fechamos com dois artigos. Iniciando com um texto provocante sobre os lugares de sociabilidade em Recife na segunda metade do século XIX. E fechando o quinto grupo e a obra, é apresentada a Companhia Têxtil Brasil Industrial, então localizada na cidade de Paracambi/RJ e sua importância para a história da cidade e do Brasil.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FACE OCULTA DA COLONIZAÇÃO: MEDIDAS DE CONTENÇÃO À MISCIGENAÇÃO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS (1719-1732)	
Hilton César de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5412001071	
CAPÍTULO 2	12
A LEI DE TERRAS DE 1850 NO CENTRO DA DISCUSSÃO: UM ELO COERCITIVO SOBRE AS FAMÍLIAS LIVRES E POBRES	
Leandro Neves Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.5412001072	
CAPÍTULO 3	23
A INTEGRAÇÃO EM DISPUTA: MOVIMENTO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO INTEGRACIONISTA EUROPEU	
Daniel Wanderley Caliman	
DOI 10.22533/at.ed.5412001073	
CAPÍTULO 4	35
O PROBLEMA DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE	
Gabriela Ferraz Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5412001074	
CAPÍTULO 5	49
O SUJEITO MODERNO EM VOLTAIRE	
Dagmar Manieri	
Elias Rocha Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.5412001075	
CAPÍTULO 6	58
TEMPO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE AIMÉ BOMPLAND	
Alessandra da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5412001076	
CAPÍTULO 7	64
PERSONIFICAR A NAÇÃO – NARRATIVA HISTÓRICA E ESCRITA BIOGRÁFICA EM GUSTAVO BARROSO	
Erika Morais Cerqueira	
DOI 10.22533/at.ed.5412001077	
CAPÍTULO 8	74
REFLEXÕES SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: AS INICIATIVAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5412001078	

CAPÍTULO 9	86
A CIDADANIA E O PROGRAMA DE GARANTIA DE RENDA MÍNIMA: AS IDEIAS DO SENADOR INTELECTUAL EDUARDO SUPLICY (1990-2006)	
Glauber Eduardo Ribeiro Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5412001079	
CAPÍTULO 10	96
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ENTRE O HISTORICISMO ALEMÃO E OS ANNALES	
André Augusto Abreu Villela	
DOI 10.22533/at.ed.54120010710	
CAPÍTULO 11	113
COMÉRCIO, CONHECIMENTO E CULTURA: AS SOCIEDADES CENTRO-AFRICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX A PARTIR DOS TESTEMUNHOS DE FREDERICK STARR	
Paulo Roberto Firmino Marques	
DOI 10.22533/at.ed.54120010711	
CAPÍTULO 12	126
O MARCO DE TOUROS: UM SÍMBOLO DA RELIGIOSIDADE POPULAR	
José Willians Simplício da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54120010712	
CAPÍTULO 13	141
TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO SUDOESTE PARAENSE	
Karina Andréa Tarca	
DOI 10.22533/at.ed.54120010713	
CAPÍTULO 14	154
RESTAURANTES E CAFÉS: OS LUGARES DE SOCIABILIDADES E GASTRONOMIA NO RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.54120010714	
CAPÍTULO 15	167
UMA PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA <i>COMPANHIA TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL</i> EM PARACAMBI - RJ	
Angelissa Tatyane de Azevedo Silva	
Davi Pereira Romeiro Neto	
DOI 10.22533/at.ed.54120010715	
SOBRE O ORGANIZADOR	184
ÍNDICE REMISSIVO	185

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ENTRE O HISTORICISMO ALEMÃO E OS ANNALES

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 02/04/2020

André Augusto Abreu Villela

Graduado em História pelo Centro Universitário
UNI-BH

Graduado em Ciências Sociais pela UNIFRAN
Belo Horizonte – Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/2046977314240766>

RESUMO: Este artigo tem como pretensão mostrar as influências sofridas pelo intelectual Sérgio Buarque de Holanda. Em um primeiro momento ao compor a obra *Raízes do Brasil*, em 1936, percebe-se uma maior influência do historicismo alemão, escrito sob forte influência de Weber e da historiografia alemã. Já em um segundo momento, como intelectual mais maduro, e como uma identidade uspiana, Sérgio Buarque irá se aproximar da historiografia francesa dos *Annales*, ao compor obras como *Caminhos e Fronteiras* em 1957 e *Visão do Paraíso* em 1958, sendo essa sua tese de cátedra na USP.

PALAVRAS CHAVE: Historicismo, *Annales*, Sérgio Buarque de Holanda

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: BETWEEN GERMAN HISTORICISM AND THE ANNALES

ABSTRACT: This article intends to show the influences suffered by intellectual Holanda. At first when composing the work *Roots of Brazil*, in 1936, he perceives a greater influence of German historicism, written under the strong influence of Weber and German historiography. Already in the second stage, more mature and intellectual, and as a uspiana identity, Holanda will approach the French historiography of the *Annales*, while composing works such as *Roads and Borders* in 1957 and *Paradise Vision* in 1958, this being his thesis chair USP.

KEYWORDS: Historicism, *Annales*, Sérgio Buarque de Holanda

11 O PROCESSO DE CRIAÇÃO E A INFLUÊNCIA DO HISTORICISMO ALEMÃO EM RAÍZES DO BRASIL

Segundo Reis (2012) na passagem dos séculos XX ao XXI, quando os mais ambiciosos projetos teórico-metodológicos para a história entraram em crise, após a vitória capitalista de 1989, o retorno aos clássicos da compreensão

pode oferecer um reinício mais prudente. Como analisa Reis (2012), os historicistas alemães, dos séculos XIX e XX, defendiam ainda para a história a condição de ciência, mas apresentaram outro sentido para “ciência”, oposto aquele dos neopositivistas. (REIS, 2012).

Os historicistas buscam definir “as condições de subjetividade”, que especificaram o conhecimento dos homens e sociedades, contra os neopositivistas, que definiam as “condições de objetividade”, aproximando os conhecimentos da ciência, mas dualidade. (REIS, 2012, p.208).

Ainda segundo Reis (2012), o historicismo, principalmente na figura de Dilthey, ergueu um muro alto contra a “história científica” neopositivista ao propor a “compreensão” e a “interpretação” como as operações cognitivas constituintes do método específico, das ciências do espírito.

Para Dilthey, o que o historiador faz é compreender as “manifestações da vida” dos homens do passado e do presente. A história tem como objetivo a vida. (...) O conhecimento histórico seria resultado do diálogo entre o historiador em sua vivência (presente) e os outros homens em seu vivido (passado). (REIS, 2012, p. 209).

Já Weber apresenta uma visão mais racionalista da compreensão. Para Weber, Dilthey estava errado: como ele próprio cita: a psicologia não pode ser o fundamento da compreensão. O psicologismo não é uma boa orientação metodológica, pois nem tudo que não é físico é psicológico. (REIS, 2012).

O grupo historicista era heterogêneo e sustentava posições dispares. Apesar das divergências internas, o consenso entre os dois grupos estava na aceitação do princípio de que o que diferencia as ciências humanas é a especificidade de sua operação cognitiva, a compreensão empática, que definiam ainda diferentemente. (REIS, 2012, p. 208).

Toda essa análise se torna importante, pelo fato de Sérgio Buarque, intelectual brasileiro, nos anos que permanece em Berlim, irá entrar em contato direto com o historicismo alemão, principalmente com nomes como Weber, Dilthey e Simmel. Mesmo sendo um grupo heterogêneo, sustentavam ainda algumas posições homogêneas no tocante a análise historiográfica, principalmente no que tange a análise do homem na sociedade e no tempo.

Durante o período que permaneceu na Alemanha, escreveu artigos para a revista *Duco*, e por ela entrevistou vários intelectuais, entre eles o escritor Thomas Mann, assistiu aulas de História e Ciências Sociais em Berlim, algumas aulas de Friedrich Meinecke (foi um historiador e professor universitário alemão. Provavelmente o mais famoso historiador alemão durante a primeira metade do século XX), começou a ler Max Weber, o crítico Friedrich Gundolf, e na ficção Franz Kafka. (MALERBA, 2012). Abaixo Jurandir Malerba em seu artigo cita a importância das aulas assistidas por Sérgio em Berlim. Ali talvez, foi gerado o embrião da obra *Raízes do Brasil*.

De fundamental importância foi seu encontro com Friedrich Meinecke, que havia muitos

anos era professor na Universidade de Berlim, num meio cultural conhecido como círculo de Simmel (...) Frequentar suas aulas foi um momento propício para confirmar afinidades há muito presentes em seu horizonte intelectual e amadurecer certas tendências com as quais convivia nas obras de Goethe, Schiller, Herder e Dilthey. (MALERBA, 2012, p.8).

Nota-se que Sérgio traz prontos para o Brasil dois capítulos do livro *Raízes do Brasil*, escritos sobre forte influência dos historicistas Dilthey e Simmel. Sérgio é um autor que bebeu intensamente nas obras de Nietzsche, e do sociólogo alemão Max Weber, sendo o primeiro autor brasileiro a se basear nas teorias de Weber, que propunha um projeto de democracia liberal e uma análise dos “tipos ideais” o mesmo modelo implantado com sucesso em terras norte-americanas.



Sérgio Buarque de Holanda, correspondente de *O Jornal*, Berlim, 1930.

Fonte: Fundo Sérgio Buarque de Holanda, SIARQ-Unicamp.

Pode se dizer que *Raízes do Brasil* é o único livro que é “meio alemão” segundo constata Antônio Cândido (CANDIDO, 2012). Durante o período em que esteve na Alemanha, Sérgio foi testemunha ocular de movimentos totalitários que cercavam a Europa. Viu o fascismo na Itália e mais de perto a ascensão do nazismo na Alemanha na década de 30, o que o fazia receptivo a esquerda política, o que pode ser percebido na publicação de 1936 de *Raízes do Brasil*, a partir de uma análise crítica de um passado oligárquico passível de denúncia. O próprio Nietzsche, antes de Weber, já havia demonstrando um grande desencantamento com a cultura ocidental. Sérgio, antes mesmo de ir a Berlim, já havia entrado em contato com as obras do filósofo alemão, através de traduções francesas, também conhecidas nos círculos dos jovens modernistas, dos quais Sérgio também fazia parte. (MALERBA, 2012).

Além de todos esses autores citados, como influências diretas e indiretas na obra

Raízes do Brasil, não podemos esquecer-nos da importância de Nietzsche na obra de Sérgio. A década de 30, em Berlim, vivia um clima profundamente nietzschiano, através do partido nazista, como bem pontua José Carlos Reis, em seu livro *História da Consciência Histórica Ocidental Contemporânea*, onde nos mostra que o grande inspirador do nacional socialismo na Alemanha foi Nietzsche. Para Reis, todo o pensamento de Nietzsche seria político: a vontade de potência seria a imagem de um poder disseminado nas relações entre os homens. O pensador proporia “um novo mundo, que a nova cultura alemã faria vir a luz”. Pode-se dizer que Nietzsche é “um pensador da Europa germanizada”. (REIS, 2011, p.12).

Esses anos em que Sérgio passa em Berlim o sentimento que rondava a Europa era um sentimento de mudança, do pensamento radical, de ruptura profunda com o passado (REIS, 2011). Sabe-se que ele sempre se interessou pelas ideias de Nietzsche, e que já o lia antes de sua viagem para Berlim, em traduções francesas conhecidas também no círculo dos modernistas, do qual ele fazia parte. Dois volumes das obras de Nietzsche foram encontrados em sua biblioteca, o primeiro era um livro de Alfred Baumler sobre Bachofen e Nietzsche e o outro era uma tradução francesa do livro de Karl Jaspers sobre a questão do cristianismo em Nietzsche. (CHAVES, 2008). Ernani Chaves, em seu artigo *O historicismo de Nietzsche segundo Sérgio Buarque de Holanda* cita algumas traduções das obras do filósofo encontrada na biblioteca particular de Sérgio, mantida pela Unicamp.

Em 1954, ou seja, mais de duas décadas depois, Schelechta publicou a sua edição das obras de Nietzsche, que continha um volume com os póstumos, depois igualmente questionado pela edição Colli-Montinari. É a edição Schelechta que se encontra ainda hoje na biblioteca de Sérgio, no arquivo da Unicamp. Isso mostra, sem dúvida, o seu permanente interesse por Nietzsche. (CHAVES, 2008, p. 403).

Além desses detalhes, há também várias citações diretas e indiretas em *Raízes do Brasil*, usando o pensamento de Nietzsche, principalmente quando Sérgio faz alusões e críticas ao cristianismo. (CHAVES, 2008). Além da obra *Raízes do Brasil*, encontramos outras referências do uso de Nietzsche por Sérgio, quando ele cita no *Jornal O Estado de São Paulo*, a amizade entre o jovem filósofo e Richard Wagner.

Renúncias semelhantes aquela a que se referiu Nietzsche quando escreveu que a ruptura com Wagner representa para ele uma “fatalidade” sem que isso o impedisse, mais tarde, de confessar: “Eu não teria podido suportar a minha adolescência sem a música wagneriana (...) considero Wagner o maior benfeitor da minha vida”. (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 de dezembro 1948).

Na revista *América Brasileira*, Sérgio Buarque faz uma comparação do escritor francês André Gide com a do filósofo alemão Nietzsche. Gide foi um homem a frente de seu tempo, em sua obra tratava de temas como pederastia, homossexualismo e libertação da sociedade de valores moralizantes, judaico cristão, assim como Nietzsche. Abaixo Sérgio Buarque, com apenas 22 anos, descreve a comparação entre os autores.

(...) Nesse como em muitos outros pontos o seu pensamento coincide estranhamente

com o de Nietzsche. Ainda recentemente, um crítico alemão, o professor Richard Meyer, via em Gide “o anunciador de uma nova geração inimiga de qualquer contato com o passado, um discípulo francês de Nietzsche”. (REVISTA AMÉRICA BRASILEIRA, fevereiro de 1924).

Em entrevista ao historiador Richard Graham, Sérgio Buarque esclareceu que escreveu seus artigos tentando explicar o Brasil para os alemães. Para ele, “só quando você está longe é que consegue ver seu próprio país como um todo”. (GRAHAM, 1982: 5). Ele conta que pretendia escrever um livro cujo título seria *Teoria da América*. O livro nunca foi publicado, mas dois capítulos deram origem a *Raízes do Brasil* e foram tirados praticamente sem modificações daquelas páginas em desordem.

Rascunhou um primeiro calhamaço de 400 páginas, a que deu o pomposo nome de Teoria da América, nunca publicado - e de onde se extraiu, com certa maturação, o ensaio seminal “Corpo e alma do Brasil: ensaio de Psicologia social”, publicado na revista Espelho, de 1935. Era o embrião de *Raízes*, onde já lançava a celebre tese da cordialidade, emprestada de Ribeiro Couto. (MALERBA, 2012, p. 9).

Raízes do Brasil é uma obra que costuma ser dividida em duas partes, a primeira trata de nosso passado colonial, da colonização portuguesa em comparação com a espanhola e também faz menção ao homem cordial. A segunda parte faz uma sutil crítica a sociedade política da década de 30, sociedade essa na qual Sérgio estava inserido, durante o governo Vargas, prestes ao golpe do Estado Novo, ele via ali, diante dos seus olhos, o desenrolar dos fatos, principalmente quando trata desse tema no último capítulo do livro, intitulado “A Nossa Revolução”.

2 | O NASCIMENTO DOS ANNALES: TEMPOS DE MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE

Antes de tudo, é importante analisar e conhecer o terreno e o ano em que foi fundada a revista dos *Annales* para se compreender como se deu sua vitória e sua hegemonia em relação a outros projetos historiográficos. O ano de sua fundação é emblemático, 1929, ano esse marcado profundamente pelo crack da bolsa de Nova York, onde a crise no sistema econômico e financeiro põe a prova o sistema capitalista, levando milhares de pessoas a desempregos, fome e miséria. Como cita Le Goff: “Não é por acaso que os *Annales* nasceram em 1929, o ano da grande crise”. (GOFF, 1978, p. 214). François Dosse cita em seu livro *A História em Migalhas* como que a quebra da economia em escala mundial, abala a crença da ideia de progresso contínuo da humanidade em direção ao acúmulo de bens materiais. (DOSSE, 2003, p. 34). Já o historiador Pierre Chaunu, professor da Sorbonne, protestante e conservador, diz que “Tudo começa no horizonte de 1929-1930. A medida entrou na história através dos preços, o choque aconteceu no dia seguinte a crise de 1929”. (CHAUNU, 1974, p. 56). A geração que fundou os *Annales*, é uma geração que cresceu e se formou às vésperas da Primeira Grande Guerra, e se concretizou no período entre guerras, período esse mais produtivo dessa geração de intelectuais, um

momento singular e impar na história da cultura e da civilização europeia, que foi marcado por um momento de crise, de abalos das certezas, e da crise dos fundamentos gerais da própria razão. Pondo fim a ideia de uma Europa triunfalista e um progresso contínuo da humanidade. Cabe salientar que intelectuais desse período destacam-se Norbert Elias, Fernand Braudel, Marc Bloch, Lucien Febvre, Paul Ricœur, entre outros, que atingiram seu auge intelectual no período entre guerras.

Os tempos de Braudel e de Elias foram o de uma Europa marcada pela barbárie das duas guerras mundiais, pela tragédia da ascensão do nazismo, do fascismo e do franquismo, pelos efeitos destrutivos da crise econômica de 1929 e pela perda de uma hegemonia europeia sobre o mundo, que remontava ao século XVI. Ao mesmo tempo, esta será a Europa do florescimento de projetos críticos e contraculturais tão importantes como a Escola de Frankfurt, o marxismo gramsciano, a psicanálise de Freud, os círculos linguísticos de Viena e de Praga, a antropologia crítica inglesa ou a historiografia dos *Annales d'Histoire Economique Et Sociale*, entre muitos outros. (ROJAS, 2003, p.430).

Além de todos fatos citados, encontramos ainda os efeitos da Primeira Guerra Mundial 1914-1918, anunciando assim o fim da Belle Époque, levando a Europa a um período de crises e incertezas enquanto ao que virá no futuro, ou como dizem alguns historiadores, a Europa cometeu “suicídio” no século XX.

A guerra anuncia o fim da Belle Époque para uma Europa em que se percebe as primícias do declínio ou da decadência. Antes da guerra, tudo se decidia na Europa. O discurso eurocêntrico dos historiadores correspondia bem a um mundo unificado pelo capitalismo e dominado por Londres e Paris. Ao sair da guerra, a Europa está enfraquecida pela sangria humana que se eleva a vários milhões de mortos, pela destruição material, mas sobretudo pela ascensão de novas potências bem mais dinâmicas, como o Japão e principalmente os Estados Unidos. (DOSSE, 2003, p. 36).

Febvre afirma: “A crise da história não foi uma doença específica que atingisse unicamente a história. Foi e é um dos aspectos, o aspecto propriamente histórico de uma grande crise do espírito humano.” (FEBVRE, 1953, p. 26). Peter Burke, em seu livro *A Escola dos Annales 1929-1989* diz que a revista foi planejada, desde o começo, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. De certa forma pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Como ele mesmo cita, seria o porta-voz, ou porque não o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história. (BURKE, 1990). Sendo assim, percebe-se nos fundadores, a necessidade de um intercâmbio intelectual com outras disciplinas, como a psicanálise, a sociologia, geografia, antropologia entre outras. Como cita *Dosse 2003*, “O questionamento do evolucionismo, da ideia de progresso, desloca a reflexão da história para outros terrenos, exteriores ao seu próprio território”. (DOSSE, 2003, p. 40). Segundo Burke (1990), os *Annales*, podem ser divididos em três fases. A primeira constitui até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que é chamada de fase de formação. A segunda já com Braudel como líder, vai até o fim da década de 70, a terceira fase é marcada principalmente pelas história das mentalidades, mesmo Bloch e Febvre

já fazendo uso desse artifício em *Os Reis Taumaturgos e a Religião de Rabelais*, ela só vai se concretizar nos *Annales* na terceira geração, lá pelos fins da década de 70. Duby, Le Goff, Pierre Nora e Michel Vovelle, são os principais nomes dessa geração. (BURKE, 1990).

O primeiro exemplar da revista sai em 15 de janeiro de 1929, dando proeminência a história econômica, em sobreposição a história política. Essa primeira fase da revista vai até os anos de 1959, onde Febvre passa a direção da revista a Fernand Braudel, dando assim início a segunda geração dos *Annales*, período onde a historiografia francesa vai se estabelecer com proeminência em relação a outros projetos historiográficos. Como cita Febvre: “Os *Annales* começaram como uma revista de seita herética. É necessário ser herético”. Declarou Febvre em sua aula inaugural no Collège de France. (FEBVRE, 1953).

3 | OS ANOS EM ESTRASBURGO, A INFLUÊNCIA DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ NOS ANNALES

Estrasburgo, cidade situada ao leste da França, que passa ao controle alemão, depois da Guerra Franco-Prussiana em 1871, e logo depois em 1918, após o término da Guerra, volta a ser território Francês. Significativo notar que Marc Bloch e Lucien Febvre se conhecem na universidade de Estrasburgo, até então território bastante germanizado, e a partir daquele momento começa a germinar a ideia da criação de uma revista voltada para a chamada história problema. De um lado o projeto historiográfico Francês em rivalidade com o projeto historiográfico alemão, disputando palmo a palmo a supremacia da escrita da história. O projeto Francês, que também é ligado aos *Annales*, e que propunham uma guerra simbólica pela dominação da historiografia em nível mundial. Rivalizando com outras potências ocidentais, como o projeto inglês, o norte americano, o italiano e principalmente o alemão, como bem analisa François Dosse.

O historicismo francês alimenta-se em grande parte, na escola historiográfica alemã, nas teses de Leopold Von Ranke da metade do século 19. Elas influenciaram bastante os historiadores franceses, que delas extraíram as bases teóricas. (DOSSE, 2003, p. 66)

Já que muito da historiografia dos *Annales* passa pela escola alemã, como cita Reis:

(...) na verdade, a escola francesa dos *Annales* não pode ser entendida sem se considerar a herança da escola histórica alemã. Os “grandes homens” dos *Annales* liam alemão e Bloch até mesmo estudou na Alemanha. (REIS, 2004, p. 101).

Ou porque não citar Braudel, quando este próprio, líder da segunda geração dos *Annales* cita a importância da historiografia alemã para os *Annales*, quando estes formados em Estrasburgo, ficaram expostos a um processo de germanização no campo da história. Sendo assim, pode-se afirmar que a Alemanha, tentava rivalizar com a França, principalmente através da Universidade de Estrasburgo, até então pertencente à Alemanha, durante o governo de Bismarck, tornando-a o símbolo da superioridade alemã

sobre a cultura francesa.

Seria então fortuito o fato de Henri Berr, Lucien Febvre, Marc Bloch e eu mesmo sermos os quatro do leste da França? Que o empreendimento dos *Annales* comece em Estrasburgo, face a Alemanha e ao pensamento histórico alemão? (apud DAIX, 1995, p. 173).

O que estava em jogo naquele momento era uma disputa política, através do discurso, e das relações de força, principalmente pela disputa hegemônica da História, entre França e Alemanha. O contexto também se torna importante de ser analisado, pois esse período é marcado pelo crescente revanchismo entre as duas nações, período entre guerras, nacionalismos aflorados, que acabou levando a Segunda Guerra Mundial. Onde um dos fundadores da Escola dos *Annales*, Marc Bloch, que inclusive fazia parte da resistência francesa, tenha analisado muito bem em sua obra intitulada *A Estranha Derrota*, escrita no campo de batalha em 1940.

Após a Guerra Franco-Prussiana, em 1871, com vitória dos alemães, percebe-se no Brasil uma influência significativa de autores alemães em contraponto aos franceses, que até então dominavam o cenário nacional através de seus escritores, como cita Dosse (2003).

“A escola historicista francesa parece ter captado bem a doutrina cientificista de Ranke para obter a eficácia alemã, manifesta no desastre da França em 1870”. (DOSSE, 2003, p. 66).

José Carlos Reis, em *As identidades do Brasil 1*, nos mostra como se deu essa “germanização” da cultura brasileira no século XIX, e como esse fato acirrou um revanchismo francês em relação à Alemanha. Reis cita abaixo como o prestígio francês fora abalado pela derrota na guerra em terras brasileiras. (REIS, 2007).

O desfecho da guerra franco-prussiana abalou o prestígio da cultura francesa, e os intelectuais brasileiros se abriram às influências inglesa e alemã: Spencer, Darwin, Buckle, Ranke, Ratzel. Os franceses ainda influenciavam: Comte, Taine, Tarde, Renan, G. Le Bon. (REIS, 2007, p.89).

A região de Estrasburgo será de suma importância na germinação e crescimento dos *Annales*, pois ali nascerão as ideias e as influências da escola alemã no projeto francês. Como bem analisa Dosse, que o historicismo francês alimenta-se em grande parte, na escola historiográfica alemã, nas teses de Leopold Van Ranke da metade do século 19. Elas influenciaram bastante os historiadores franceses, que delas extraíram as bases teóricas. A escola historicista francesa parece ter captado bem a doutrina cientificista de Ranke para obter a eficácia alemã, manifesta no desastre da França em 1870. (DOSSE, 2003).

4 | A APROXIMAÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA COM A HISTORIOGRAFIA FRANCESA

A história das mentalidades disciplina genuinamente francesa, filha dileta da escola dos *Annales*, considerada como a Prima Donna da chamada *Nova História*. (VAINFAS, 1997, p.27). Roger Chartier (1990), em sua obra *A História Cultural entre práticas e representações*, conclui que o termo *mentalité*, usado sempre para exprimir de alguma maneira algo próximo a de uma psicologia histórica coletiva. Afirma que sempre foi um termo de difícil tradução em outras línguas que não o francês, prestando-se assim a confusões e indicando, por isso, ser uma fórmula tipicamente francesa de pensar as questões.

No *Jornal Folha da Manhã*, publicado no dia de 18 de julho de 1950, Sérgio Buarque, em seu artigo intitulado *Apologia da História*, fará menção à recém-lançada obra de Marc Bloch, *Apologia da História*, lançado em 1949, chamando-a de obra prima.

Com efeito, em seu admirável painel da Sociedade Feudal, para bem atinar com o alcance de semelhante observação, seria bom aproxima-la da anedota referida pelo mesmo Bloch na pequena obra-prima que tinha em preparo as vésperas do seu fuzilamento pelos nazistas, durante a ocupação da França, e cujo texto inacabado está agora impresso com o título de *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien* (Paris, 1949). (JORNAL FOLHA DA MANHÃ, 18 de julho de 1950).

Em outro artigo publicado no *Jornal Estado de São Paulo*, de 1973, Sérgio Buarque vai mostrar como os *Annales* foram importantes na construção de um saber histórico na cidade de São Paulo, principalmente ao conhecimento ligado a USP:

Mas como explicar o fato de um historiador tão rigoroso como Marc Bloch dar um dos seus dois volumes sobre a sociedade feudal o subtítulo de “As classes e o governo dos homens”, onde se trata não apenas dos problemas das classes como até da consciência de classe. Restrinjo-me de propósito a um autor francês, com o qual estão mais familiarizados os leitores dos *Annales*, que tanto influíram sobre os estudos históricos em São Paulo. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 17 de junho de 1973).

José Carlos Reis percebe que há um diálogo muito próximo entre Bloch e Weber (inspirador de *Raízes do Brasil*), quando se abordam duas temáticas, o método regressivo e a história comparativa, sendo essas duas presentes tanto em *Visão do Paraíso*, quando em *Raízes do Brasil*.

Outra proposta inovadora dos *Annales* será enfatizada por Bloch: trata-se do “método regressivo/retrospectivo”, que já fora desenvolvido e defendido por Weber.(...) o passado não é compreensível se não se vai até ele com uma problematização suscitada pelo presente(...) o presente guarda uma certa autonomia e não se deixa explicar inteiramente pela sua origem(...) Bloch propõe que o historiador vá do presente ao passado e do passado ao presente. Para ele o passado explica o presente, pois o presente não é uma mudança radical, uma ruptura rápida e total. (REIS, 2013, p. 260).

Bloch não é citado nem em *Raízes do Brasil* nem em *Visão do Paraíso*, porém nota-se uma certa familiaridade entre esses dois pensadores, na maneira como trabalham. Em *Raízes do Brasil*, Sérgio vai usar o método comparativo também usado

por Bloch e Weber, quando principalmente vai estabelecer as principais diferenças entre a colonização portuguesa para a colonização espanhola. Assim como Sérgio fez uso intenso da historiografia, da sociologia e da filosofia alemã na construção principalmente de *Raízes do Brasil*, Marc Bloch também irá usar constantemente a historiografia alemã no decorrer dos anos, formação essa que se fez principalmente nos anos em que estudou em Estrasburgo, região essa muito germanizada, em que a literatura alemã foi um dos sustentáculos dos *Annales*, como cita Le Goff no prefácio de *Os Reis Taumaturgos*.

Por fim, dois fatores muito diferentes devem ter contribuído para impelir Marc Bloch ao estudo do mal régio. O primeiro é sua familiaridade com a obra dos medievalistas alemães e a sedução exercida sobre ele pela erudição alemã e pela problemática germânica. (LE GOFF, 1983, p. 15).

Porém cabe destacar que outros autores já se utilizavam do estudo das mentalidades antes dos *Annales*, como é o caso de Michelet, autor da obra *La Sorcière*, de 1862, e Georges Lefebvre, autor de *La Grande Peur*, livro sobre o qual narra a onda de pânico que varreu a França rural no contexto revolucionário francês. E fora da França temos o historiador holandês Johan Huizinga, autor de um clássico, *O Outono da Idade Média*, publicado em 1919, sobre costumes, sentimentos e religiosidades na França e nos Países Baixos nos séculos XIV e XV. (VAINFAS, 1997).

Sendo a USP influenciada nas ciências humanas pela “Missão Francesa”, Sérgio vai se moldando aos poucos a uma mentalidade de um “uspiano” e à de uma história voltada mais para a historiografia francesa. Como cita Maria Odila Silva Dias. “A rivalizar com a presença da “nova história social francesa” no pensamento de Sérgio Buarque, quando não superando-a, estaria a filosofia, a sociologia e a historiografia alemãs”. (DIAS, 1986).

Menotti Del Picchia escrevendo acerca da obra *Visão do Paraíso* para o jornal *A Gazeta*, em 17 de setembro de 1960, descreve Sérgio como ele próprio um bandeirante a serviço de São Paulo, assim relata: “Sérgio Buarque de Holanda, paulista nato, é dos que mais honram a cultura bandeirante, com uma série de estudos, alguns já clássicos”.

Contudo em 1946, Sérgio se muda para São Paulo e passa a dirigir o Museu Paulista, a partir daquele momento adquiriu de uma vez por todas uma identidade paulistana, como cita José Murilo de Carvalho.

É importante que a modificação seja reconhecida, pois ela faz parte da própria biografia intelectual do autor e, mais ainda, tem a ver com distintas tradições de pensamento, a que se formou no Rio de Janeiro e a que, a partir dos anos 1930, e se consolidou em São Paulo. Sérgio Buarque, após 1946, se paulistalizou. (CARVALHO, 2013, p. 298).

Em uma entrevista concedida ao jornal *Folha da Manhã* em 1992, Chico Buarque relata como era a relação de seu pai com as cidades do Rio e São Paulo, e Chico nos declara que seu pai era um paulista não apenas de nascimento, mas de convicção. Por essa declaração de Chico, podemos ver a consolidação das redes de sociabilidade de Sérgio, tanto na cidade carioca quanto na cidade paulista.

O papai morou muito tempo no Rio, onde deixou grandes amigos. Então, quando eles iam a São Paulo, iam também lá em casa: o Otávio Tarquínio, Rubem Braga, o Vinicius... E tinha a turma de São Paulo: Arnaldo Pedroso D’Horta, Antônio Candido, Luiz Martins, Paulinho Vanzolini, João Leite, Luiz Lopes Coelho, Caio Prado Júnior, Paulo Mendes de Almeida.. Papai adorava São Paulo, era um paulista convicto, não apenas de nascimento. (JORNAL FOLHA DA MANHÃ, 5 de julho de 1992).

Não obstante no Jornal Correio da Manhã, de 1951, no artigo intitulado *Cultura Brasileira*, Sérgio irá tecer longos elogios a Capistrano de Abreu, comparando a sua forma de fazer história a Marc Bloch, principalmente no uso dos documentos, e de como interrogar as fontes.

Capistrano de Abreu, pesquisador constante e nunca inteiramente satisfeito, tendo trabalhado mais do que qualquer outro depois de Varnhagen, para revelar, valorizar e bem aproveitar testemunhos escritos de nossa formação nacional, ele sabia, no entanto, que esses documentos só falam verdadeiramente aos que ousam formular-lhes perguntas precisas e bem pensadas. Sabia, em outras palavras, palavras de um grande mestre moderno – Marc Bloch, que em toda pesquisa histórica supõe, desde os passos iniciais, que o inquérito tenha uma direção definida. (JORNAL CORREIO DA MANHÃ, 15 de julho de 1951).

Mostrando a necessidade de se questionar o documento, já que o documento não fala por si só, é necessário interroga-lo e fazê-lo falar mesmo a contragosto. Como diz Le Goff em sua obra, *História e Memória*, onde o autor fala da necessidade de se tomar cuidado com as fontes, e de se fazer uma crítica em relação ao documento.

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedade históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No Limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, Vol. 1, 1984, p.103)

Muitos consideram Sérgio Buarque como um homem a frente do seu tempo, usando uma expressão francesa, *avant La lettre*, como historiador das representações mentais, e da história das mentalidades. Porém cabe destacar o fato que esse modelo historiográfico, vai ser de certa forma concretizado pelos *Annales* a partir da década de 70, a partir da terceira geração com Le Goff e Pierre Nora, através das análises das obras de Marc Bloch e Lucien Febvre, seus fundadores. Não tendo os *Annales* ainda um paradigma formado em relação a história das representações mentais. Como bem ressalta Ronaldo Vainfas, ao analisar *Visão do Paraíso*. Segundo ele é um livro de tamanha complexidade teórica e erudição que, na verdade, seria difícil e em vão tentar classificá-lo em qualquer esquema rígido ou escola historiográfica. (VAINFAS, 2008).

Ao se aproximar dos *Annales*, com Marc Bloch e *Os Reis Taumaturgos*, Sérgio também se aproxima sobremaneira de Lucien Febvre, que alguns dizem ser o precursor da história francesa das mentalidades. Inclusive é de Febvre (2009) o conceito de *outillage mental*, estudo esse acerca da psicologia histórica presente em sua obra *O problema da incredulidade no século XVI - A religião de Rabelais*, obra publicada no ano de 1942. Sendo assim, percebe-se um parentesco muito próximo em *Visão do Paraíso* e *A época*

da *descrença*, como bem observa Vainfas (2008) em relação à proximidade e o diálogo que se estabelece entre as duas obras.

Parentesco temático, ou seja, as crenças ou descrenças de sociedades coevas – a França do Renascimento e o mundo ibero-americano da expansão atlântica. Parentesco no tocante a eleição de fontes literárias como base de investigação histórica, o que se faz de ambos, Sérgio Buarque e Febvre, a um só tempo, historiadores e críticos literários. Parentesco no que toca a rebeldia intelectual: Febvre a enfrentar o mito de um Rabelais ateu e Sérgio Buarque a desmoronar o mito de um Brasil paradisíaco, o que se faz através de uma autêntica arqueologia do próprio mito. (VAINFAS, 2008, p. 548).

Essa aproximação fica muito clara, quando Sérgio Buarque em 1950, escreve sobre Febvre no *Jornal Diário Carioca*, tecendo elogios sobre e a forma de escrever dos *Annales* e tecendo duras críticas ao modelo metódico positivista. Onde Sérgio escreve como dito acima, a necessidade de se questionar o documento, e não simplesmente transcrevê-lo, como faziam os positivistas.

Quanto a historiografia, não há dúvida que a demissão da inteligência, e direi também da imaginação – imaginação que escolhe, que simplifica, se necessário, e que recria – associada a uma exaltação do fato puro e mensurável, pode significar em certos casos um regresso. Bem sabemos que os fatos nunca falam por si, que o verdadeiro historiador não é apenas o que conseguiu acumular-los no maior número possível, mas o que soube formular-lhes – a esses fatos – as perguntas realmente decisivas, dando-lhes ao mesmo tempo voz articulada e coerência plausível. Dos que ainda em nossos dias, se apegam teimosamente ao preconceito positivista do fato puro, pôde dizer no ano passado Lucien Febvre (em “Vers une autre Histoire”, *Révue de Métaphysique ET de Morale*, jul.-out. 1949, p.239): “eles conservam em 1949 uma espécie de respeito supersticioso ao fato: espécie de fetichismo do fato, que é em verdade a coisa mais singular que se possa conceber, e a mais anacrônica”. (JORNAL DIÁRIO CARIOCA, 23 de julho de 1950).



Sérgio Buarque de Holanda acompanhado por Lucien Febvre, Genebra, 1954.

Fonte: Fundo Sérgio Buarque de Holanda, SIARQ-Unicamp.

Além do uso desses autores na concepção da obra *Visão do Paraíso*, Sérgio também

irá manter um diálogo constante com autores do século XIX, como é o caso de Jacob Burckhardt, autor do clássico *A Civilização da Renascença Italiana*, escrito em 1864. E outro autor oitocentista o italiano Arturo Graf, autor da obra *Mitos, lendas e superstições da Idade Média*, publicado no ano de 1886. Livro esse que trata do mesmo tema abordado em *Visão do Paraíso*, porém num outro contexto, utilizando também a busca do paraíso terreal, do Éden na Terra, do Eldorado, na literatura de viagens, fossem reais, como cita Marco Polo em sua obra *O Livro das Maravilhas*, ou fossem elas fictícias como apresentado na obra de Jean de Mandeville. E por último e não menos importante o historiador alemão Ernst Curtius, citado no prefácio da segunda edição de 1968 de *Visão do Paraíso*.

Não resta dúvida que *Visão do Paraíso*, ao ser lançado em 1958, Sérgio Buarque estava na contramão do que até então se valorizava em se tratando de história brasileira. Como bem analisa Fernando Novais (1994), no prefácio de *Caminhos e Fronteiras*, o Brasil naquele contexto estava analisando a história de maneira economicista, voltada para o marxismo mais ortodoxo. Porém ao invés de trabalhar esse mesmo conceito em sua obra, Sérgio vai procurar trabalhar os motivos edênicos que levaram os ibéricos na conquista do Novo Mundo. Outro fator de análise dá-se com a obra *Caminhos e Fronteiras de 1957*, sendo Sérgio um dos pioneiros a usar o conceito de cultura material no Brasil, no melhor estilo braudeliano dos *Annales*.

Segundo Thiago Lima Nicodemo, em seu artigo *Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições Culturais no Brasil 1930-1960*, nos descreve que no ano de 1949, Sérgio viajou duas vezes para a Europa para participar de comitês organizados pela Unesco e para uma conferência na Sorbonne, a convite de Braudel e Febvre. Da conferência da Sorbonne, Sérgio é convidado a publicar um artigo na revista dos *Annales*. Artigo esse que em 1957 se tornaria o livro *Caminhos e Fronteiras*.

Da conferência na Sorbonne resultou a publicação na revista dos *Annales* do artigo intitulado “Au Brésil colonial: lês civilisations Du miel”, que aparece reescrito como o capítulo 3: “A Cera e o Mel”, em *Caminhos e Fronteiras*. Já o texto produzido para o colóquio em Washington, que trata das técnicas rurais no Brasil colonial, corresponde a segunda parte de *Caminhos e Fronteiras*. (NICODEMO, 2012, p. 118).

Voltando ao livro *Visão do Paraíso*, alguns sempre diziam relação ao livro: “Muito respeitado, mas pouco lido, pouco estudado e pouco citado”. (VAINFAS, 2008).

Só a partir da década de 80 é que começa de fato, a ser uma obra muito utilizada pela academia, quando se tem o lançamento de *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, de Laura de Mello e Souza. Publicado em 1986, que tratava das práticas mágicas e a feitiçaria no Brasil Colônia. Nesse dado momento começa-se a se ter uma maior valorização das representações da história das mentalidades no Brasil. Naquele contexto do fim da década de 50 e começo da década de 60, a USP é praticamente reduto de marxistas, tendo seu maior expoente na figura de Florestan Fernandes, um dos professores mais proeminentes na cátedra de Sociologia da Universidade Paulista. (VAINFAS, 2008).

Já no Rio de Janeiro, quase nenhuma atenção foi dada a *Visão do Paraíso*, que era uma obra ligada a escola de escrita paulista, sendo mais valorizada a obra *Formação História do Brasil* de Nelson Werneck Sodré. Nota-se assim, uma rivalidade entre a USP que representava a escrita paulista, e a Universidade do Brasil, que representava uma escrita carioca, remetendo novamente a uma guerra simbólica entre as duas instituições. (VAINFAS, 2008).

Cabe aqui uma citação de José Murilo de Carvalho, onde este analisa a importância da USP para São Paulo na construção de um saber histórico em rivalidade com a capital federal do Brasil.

São Paulo graças a USP, passou a disputar vantajosamente com a então capital federal a escrita e a interpretação do Brasil(...). A década de 1950 foi a da ascensão da USP a posição de destaque no cenário intelectual do país, fazendo sombra a Universidade do Brasil. Evidencia essa relevância a autossuficiência da universidade. (CARVALHO, 2013, p. 288-289).

Sendo assim, percebe-se muito pouco diálogo entre *Visão do Paraíso* e a historiografia brasileira. Varnhagen, Capistrano de Abreu e Caio Prado Júnior são citados pouquíssimas vezes, o diálogo com a nossa historiografia é muito reduzido como cita Ronaldo Vainfas.

Mas o diálogo entre a historiografia brasileira é, no conjunto, reduzido. Isso se deve, em boa parte, ao fato de ser essa obra de Sérgio Buarque em todo originalíssima, voltada para temática que, até onde sei, jamais fora enfrentada por nossos historiadores. Não é de admirar que Sérgio Buarque dialogue mais com a historiografia europeia, que disso havia tratado, do que com a nossa. (VAINFAS, 2008, p. 553).

Conclui-se que a interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, tem raízes no pensamento alemão moderno, que ressalta o particular, o único, a especificidade temporal de cada realidade histórica. Estava interessado em conhecer o Brasil em sua singularidade. O historicismo compreende o mundo humano por uma abordagem individualizante e não generalizante. Toda sua visão de Brasil de assenta na teoria social weberiana, Raízes do Brasil é quase integralmente weberiano, a discussão do estado brasileiro, das relações entre o público e o privado, e sua proposta de separação radical entre essas esferas e da modernização do Estado, que se tornaria mais racional e burocrático. (REIS, 2007). Porém anos mais tarde, já um intelectual maduro, Sérgio Buarque de Holanda começa a se aproximar da historiografia francesa, percebe-se uma influência dos *Annales* naquele momento, principalmente em obras como *Caminhos e Fronteiras* e *Visão do Paraíso*, onde o método historiográfico utilizado já se altera sensivelmente em relação a Raízes do Brasil de 1936. Torna-se importante destacar a criação do IEB, que está entre as mais significativas contribuições de Sérgio Buarque de Holanda para a cultura brasileira na universidade de São Paulo (USP). Fundado no ano de 1962, o IEB foi criado em uma conjuntura marcada por importantes mudanças no país e na USP. Considerados os seus objetivos, pode-se afirmar que o IEB foi o mais importante instituto criado pela USP no início da década de 60, pois, ao reunir diferentes cadeiras dedicadas aos estudos

brasileiros, apresentava-se envolvido no propósito de tornar a USP o principal laboratório de estudos sobre o Brasil. (CALDEIRA, 2008). Sendo assim, Sérgio Buarque de Holanda era acima de tudo um intelectual feliz como bem descreveu José Carlos Reis. (REIS, 2007).



Sérgio Buarque de Holanda em sua defesa de tese, no concurso para a Cátedra de História da Civilização Brasileira na Universidade de São Paulo, 1958.

Fonte: Fundo Sérgio Buarque de Holanda, SIARQ-Unicamp.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989, A revolução francesa da historiografia*. São Paulo, Editora Unesp, 1990.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Sérgio Buarque de Holanda e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Sérgio Buarque de Holanda, Perspectivas*. MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). São Paulo: Editora Unicamp, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Um Homem, duas Cidades*. Seminário “Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda”. Debate promovido pelo IEB/USP. São Paulo, 2012.

CARVALHO, José Murilo. *Pensadores que Inventaram o Brasil*. In: CARDOSO, Fernando Henrique. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHARTIER, Roger: *A História cultural entre praticas e representações*; tradução de Maria Manuela Galhardo.

-Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; 1990.

CHAUNU, Pierre. *Histoire, science sociale*, Paris, SEDES, 1974.

CHAVES, Ernani. *O Historicismo de Nietzsche, segundo Sérgio Buarque de Holanda. Sérgio Buarque de Holanda, Perspectivas*. MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). São Paulo: Editora Unicamp, 2008.

DAIX, Pierre. *Fernand Braudel: Uma Biografia*. São Paulo: Editora Record, 1995.

DIAS, Maria Odila. Introdução. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

DOSSE, François. *A História em Migalhas: Dos Annales a Nova História*. São Paulo: Edusc, 2003.

FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no Século XVI. A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. 1953

HOLANDA, Sérgio Buarque. Erudição e Imaginação. *Jornal Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1950.

_____. Sobre uma Doença Infantil da Historiografia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 de junho de 1973.

_____. André Gide. *Revista América Brasileira*, Rio de Janeiro, fevereiro de 1924.

_____. Apologia da História. *Jornal Folha da Manhã*, São Paulo, 18 de julho de 1950.

_____. Entre a Crítica e o Apostolado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 de dezembro 1948.

_____. Introdução a Democracia. *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1951.

_____. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOLANDA, Chico Buarque. Chico Buarque fala sobre seu Pai. *Jornal Folha da Manhã*, São Paulo, 5 de julho de 1992.

LE GOFF, Jacques. *Documento / Monumento*. Einaud, v.1, 1984

LE GOFF, Jacques. *Os Reis Taumaturgos*, in: BLOCH, Marc. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

MALERBA, Jurandir. *Aula Magna: Atualidade de Sérgio Buarque*. Berlim, 13/04/2012. (Artigo Científico).

NICODEMO, Thiago Lima. *Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960*. Seminário "Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda". Debate promovido pelo IEB/USP. São Paulo, 2012.

NOVAIS, Fernando. *Caminhos e Fronteiras*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

REIS, José Carlos. *Teoria e História: Tempo Histórico, História do Pensamento Histórico Ocidental e Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil 1: De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. *História da Consciência Histórica, Ocidental Contemporânea: Hegel, Nietzsche e Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. *Os Historiadores Clássicos da História: de Tocqueville a Thompson, vol.2*. In: PARADA, Mauricio. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2013.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Norbert Elias: um paralelo com Fernand Braudel*. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.) *Grandes nomes da história intelectual*, São Paulo, Editora Contexto, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. *Sérgio Buarque de Holanda, historiador das representações mentais. Sérgio Buarque de Holanda, Perspectivas*. MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). São Paulo: Editora Unicamp, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 114, 115, 117, 119, 123, 124, 129, 130, 163

Annales 9, 63, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 124

Autoridade 1, 26, 28, 66, 129, 130

B

Bakuba 114, 117, 119, 120, 121

Baluba 114, 119, 120, 121

Biografia 61, 64, 70, 105, 111

Bonpland 58, 61, 62, 63

Brasil Industrial 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182

C

Casamento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10

Cidadania 7, 9, 28, 31, 66, 76, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Colonização 7, 8, 1, 2, 13, 100, 105, 141, 142, 143, 151

Cultura Política 64, 65, 73

E

Eduardo Suplicy 7, 9, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Esquecimento 8, 44, 58, 59, 60, 61, 63, 75, 77, 83, 137

Europa 3, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 51, 62, 81, 98, 99, 101, 108, 129, 130, 154, 155, 163

F

Fábrica 73, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 181, 182

Família 1, 2, 5, 6, 10, 17, 50, 51, 55, 65, 91, 92, 121, 122, 148, 151, 161, 174

Famílias Livres 8, 12, 15, 18, 20

Frederick Starr 7, 9, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 124

G

Gastronomia 9, 153, 160, 163, 164

Gustavo Barroso 7, 8, 64, 68, 72

H

História 2, 7, 1, 10, 14, 21, 26, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82, 85, 86, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105,

106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 153, 154, 157, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 182, 183
Historicismo 9, 96, 97, 99, 102, 103, 109, 111

I

ideal ascético 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47
Identidade 9, 26, 30, 31, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 94, 96, 105, 137, 140, 146, 150, 168, 170, 181
Iluminismo 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 154
Integração 8, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 52, 83, 89, 142
Intelectual 9, 49, 50, 55, 68, 69, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 107, 109, 110, 112, 127, 133, 134, 155, 161

L

Lei 7, 8, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 61, 79, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 142, 148, 160, 168

M

Memória 7, 8, 8, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 106, 153, 164, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 181
Mestiçagem 1, 6, 7, 8, 9
Militares 32, 64, 68, 70, 81, 83, 148

N

Nacionalismo 7, 64, 67, 72, 151
Nada 6, 16, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 55, 122

O

Ocupação Territorial 12, 20, 141

P

Paracambi 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 181, 182
Patrimônio 9, 13, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 116, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 177, 181
Pobres 7, 8, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 89, 155, 156

Q

Querer 35, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 136

R

Razão 4, 5, 36, 39, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 73, 87, 94, 101, 155

Recife 7, 9, 12, 85, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

S

Senador 7, 9, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94

Sérgio Buarque de Holanda 7, 9, 96, 98, 99, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Sociabilidades 9, 65, 86, 88, 124, 153, 160, 161, 162, 163, 164

Sociedade Civil 34, 49, 51, 53, 89

Sufrimento 7, 8, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47

T

Tempo 8, 2, 10, 14, 15, 21, 44, 51, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 97, 99, 101, 106, 107, 112, 117, 120, 126, 135, 138, 140, 150, 154, 158, 162, 168, 169, 170, 172, 173

Terras 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 79, 98, 103, 115, 119, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 158, 169

Tolerância Religiosa 49

U

União Europeia 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34

V

Voltaire 7, 8, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Vontade 4, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 99

 **Atena**
Editora

2 0 2 0